Cadernos de África Contemporânea

ISSN: 2595-5713

Vol. 08 | Nº. 16 | Ano 2025

ANÁLISE QUALITATIVA DA NARRATIVA DA FOLHA DE SÃO PAULO SOBRE A ATUAL REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO E IMIGRANTES CONGOLESES NO BRASIL (2005-2010)

QUALITATIVE ANALYSIS OF FOLHA DE SÃO PAULO'S NARRATIV ON THE CURRENT DEMOCRATIC REPUBLIC OF THE CONGO AND CONGOLESE IMMIGRANTS LIVING IN BRAZIL (2005-2010)

Felipe Antonio Honorato
Valéria Barbosa de Magalhães

RESUMO: Este artigo analisa qualitativamente a narrativa do jornal Folha de São Paulo (FSP) sobre a República Democrática do Congo (RDC) e seus nacionais no Brasil, entre 2005 e 2010. A pesquisa baseia-se em autores como Mahieu e Joye, Ceuppens, Mertens, Figueira e Masengu, Maringira e Vuninga, Hendriks, Garbin e Godin. Os resultados indicam que a FSP adota uma perspectiva afro-pessimista, evidenciando traços do Congoismo descrito por Ceuppens. Quanto aos imigrantes congoleses no Brasil, observa-se a presença da cultura do débrouillardise e estratégias de empreendedorismo e inserção na economia informal, semelhantes às praticadas por comunidades congolesas em outros contextos. As matérias também revelam, em consonância com Figueira e Masengu, que os fluxos migratórios seguem tendências sociais e demográficas duradouras.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração Congolesa; Folha de São Paulo; República Democrática do Congo; Brasil.

ABSTRACT: This article qualitatively analyses the narrative of the Folha de São Paulo (FSP) newspaper on the Democratic Republic of Congo (DRC) and its nationals in Brazil between 2005 and 2010. The research is based on authors such as Mahieu and Joye, Ceuppens, Mertens, Figueira and Masengu, Maringira and Vuninga, Hendriks, Garbin and Godin. The results indicate that FSP adopts an Afro-pessimistic perspective, evidencing traits of Congoism described by Ceuppens. As for Congolese immigrants in Brazil, there is evidence of a culture of débrouillardise and strategies of entrepreneurship and integration into the informal economy, similar to those practised by Congolese communities in other contexts. The articles also reveal, in line with Figueira and Masengu, that migratory flows follow long-standing social and demographic trends.

KEY WORDS: Congolese Migration; Folha de São Paulo; Democratic Republic of the Congo; Brazil.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

ANÁLISE QUALITATIVA DA NARRATIVA DA FOLHA DE SÃO PAULO SOBRE A ATUAL REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO E IMIGRANTES CONGOLESES NO BRASIL (2005-2010)

Felipe Antonio Honorato [1]
Valéria Barbosa de Magalhães [2]

Introdução

Este artigo tem por objetivo fazer uma análise qualitativa da narrativa do jornal brasileiro Folha de São Paulo (FSP) sobre a atual República Democrática do Congo (RDC) [3] e sobre os congoleses. Tal análise tem como arcabouço teórico os trabalhos de Mahieu e Joye (2018), Ceuppens (2022), Mertens (2019), Figueira e Masengu (2020), Maringira e Vuninga (2022), Thomas Hendriks (2017) e David Garbin e Marie Godin (2013), e seu recorte temporal compreende o período entre 2005 e 2010. A escolha da FSP para este artigo fundamenta-se nos motivos apresentados por Oliveira (2017): considerando que os meios convencionais de mídia seguem sendo proeminentes no processo de construção simbólica do mundo social, a Folha de S.Paulo tem sido relevante no contexto brasileiro por ser um dos jornais impressos nacionais de maior tiragem e circulação. [4]

Além disso, em termos de orientação editorial, a Folha de S.Paulo tem sido reconhecida como um veículo jornalístico que faz parte da mídia hegemônica. Esse conceito está baseado no pensamento gramsciano (GRAMSCI, 1999) de que a hegemonia pressupõe um consenso da liderança política e cultural de uma classe social. O termo também pode ser usado como mídia "tradicional", isto é, um jornalismo que, além de mais antigo ou historicamente consolidado, representa um grupo estabelecido, no sentido de Elias e Scotson (2000).

[1] Docente permanente no Programa de Pós-graduação em Estudos Africanos e Representações de África da Universidade do Estado da Bahia (PPGEARA - UNEB) e pesquisador de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Centro Oeste (PPGH - UNICENTRO). felipe.honorato@alumni.usp.br

[2] Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política (USP), docente da USP. Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM/USP). vbmagalhaes@usp.br

[3] A República Democrática do Congo é um país localizado na África Central e que faz divisa com, entre outras nações, República do Congo — ou Congo-Brazzaville — a oeste, República Centro-Africana ao norte, Ruanda e Burundi a leste, e Angola ao sul (MUNANGA, 2008). Ela é também chamada de Congo democrático ou Congo-Kinshasa, em referência ao nome de sua capital.

[4] Segundo o IVC (Instituto Verificador de Comunicação), a Folha de São Paulo contou com 755.547 assinantes digitais pagos em 2023, sendo o primeiro colocado no ranking de leitores. Em relação às versões impressas, apesar da queda geral das vendas nos últimos anos, a Folha de São Paulo (com 41.401 exemplares vendidos) só ficou atrás d'O Estado de S. Paulo (com 56.356), em 2023. Fonte: Com assinatura barata, jornais turbinam digital em 2023. Poder 360. 22/07/24. Disponível em: poder360.com.br. Acesso em: 22/10/24.

Tendo completado 100 anos em 2021, a Folha de S.Paulo historicamente vem se caracterizando como um veículo hegemônico, tendo em vista que esteve, em diversos momentos, alinhada aos grupos dominantes de poder, conforme mostra o estudo de Santos e Costa (2022). Em seu trabalho, as autoras mostram o papel que o jornal teve, tanto na desestabilização do governo de João Goulart — contribuindo para o Golpe Militar de 1964 —, quanto na manutenção do próprio regime autoritário e apoiando seus presidentes. O presente artigo indaga, portanto, se essa orientação hegemônica não contribuiria também para a essencialização de uma ideia equivocada de África, em especial do Congo e de seu povo.

O jornalismo, aliás, é *locus* de disputas discursivas e de espaços de poder, sendo "espaço privilegiado para entendimento das relações sociais" (MACHADO; COELHO, 2022, p. 53). Ao citar Patricia Hill Collins, Machado e Coelho (2022) chamam a atenção para o papel da mídia na construção de imagens de controle, que reforçam imagens naturalizadas interessantes aos grupos dominantes, em particular em relação à população negra, e contribuem para a manutenção do *status quo* da branquitude. Poderíamos, então, identificar essas imagens de controle na produção midiática da Folha de S.Paulo, quando se trata do Congo e da população congolesa?

O presente trabalho é um desdobramento de um outro artigo anteriormente publicado pelos autores. [5] Aqui, diferentemente do texto já publicado, não é só investigada a representação do jornal sobre os imigrantes congoleses, como também sobre o país, além de ser uma análise qualitativa centrada nas teorias desenvolvidas por pesquisadores das ciências humanas dedicados especialmente ao estudo da atual RDC. Além disso, também, apresenta-se parte significativa das pesquisas desenvolvidas para a tese de doutorado "*Le Soir* e *Le Monde*: análise de abordagens sobre a República Democrática do Congo e a imigração congolesa para a Bélgica e para a França (1988-2003)", defendida por Felipe Honorato em março de 2025. [6]

A estrutura deste artigo é a seguinte: após a introdução, apresenta-se a seção "2. A narrativa da FSP sobre refugiados congoleses no Brasil (2005 a 2010)", seguida da análise qualitativa e, por último, são apresentadas as considerações finais. A proposição deste trabalho baseia-se na reflexão feita por Marina de Mello e Souza (2012). Para a pesquisadora, a disseminação do conhecimento no país sobre o continente africano na esfera acadêmica deve ser alcançada com a articulação com outros níveis de ensino, revistas de divulgação, programas ligados a mídias au-

[5] HONORATO, Felipe Antonio; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. A narrativa da Folha de S.Paulo sobre imigrantes congoleses na cidade do Rio de Janeiro: uma análise do período entre 2005 e 2010. Revista África(s), v. 10, n. 19, p. 123-142, 2003. Disponível em: revistas.uneb.br. Acesso em: 14 out. 2024.

[6] Le Soir e Le Monde: análise de abordagens sobre a República Democrática do Congo e a imigração congolesa para a Bélgica e para a França (1988-2003). Tese de Felipe Honorato defendida em março de 2025 no Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política da Universidade de São Paulo. Orientadora: Valéria Barbosa de Magalhães.

diovisuais, cursos de curta duração e outras formas de levar para fora dos limites da universidade o conhecimento ali produzido (SOUZA, 2012). Apenas assim será possível garantir um ensino de qualidade com menos equívocos ou vieses que reforcem uma imagem essencializada e estigmatizada de África, tanto no que diz respeito à produção de material didático quanto no que se refere às aulas nos diversos níveis e cursos de formação de professores (SOUZA, 2012).

Informações equivocadas podem acabar fornecendo argumentos indevidos aos que não concordam com a existência da Lei 10.639/2003, [7] evocando a ideia inapropriada de que ela refletiria uma postura autoritária ou mesmo que acirraria antagonismos fundada em distinções de base racial (SOUZA, 2012). Os temas ligados às culturas afro-brasileiras são assuntos que incomodam e desafiam privilégios, o que resulta na dificuldade em colocar a lei em prática. Para que os temas deixem de incomodar é necessário, no entender da autora, explicitar os processos históricos e ideológicos presentes nas bases das percepções contemporâneas acerca da África e da cultura afro-brasileira (SOUZA, 2012). Dessa perspectiva, é fundamental o ensino de temas africanos, considerando não apenas os seus aspectos negativos, largamente divulgados pela imprensa e pelas mídias oficiais, mas sim pelo que podemos chamar de aspectos positivos, ou seja, as características culturais e formas de organização social e política próprias, os processos históricos tanto internos quanto pertinentes à sua relação com outros continentes, seja com as sociedades ocidentais, seja com as orientais (SOUZA, 2012), que contrapõem os essencialismos e imagens distorcidas sobre a África.

Por isso, analisar de forma crítica o conteúdo por aquele que é um dos principais periódicos brasileiros mostra-se de suma importância para que o ensino de história e cultura africanas no Brasil se expanda, não só em termos de disseminação, mas também na qualidade do que é ensinado.

A narrativa da FSP sobre refugiados congoleses no Brasil (2005 a 2010)

Buscando-se os termos “congolês” e “congoleses” nos arquivos on-line do jornal *Folha de S.Paulo* para o período compreendido entre 2005 e 2010, apenas duas reportagens que abordam a presença de imigrantes congoleses no Brasil são encontradas. Em 2 de agosto de 2009, as páginas C8 e C9 da seção “Cotidiano” do jornal foram quase que inteiramente dedicadas a contar a história de quatro refugiados da RDC moradores do Rio de Janeiro. A trajetória de todos eles se

[7] LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Fonte: Presidência da República. 09/01/2003. Disponível em: planalto.gov.br. Acesso em: 22/10/24.

relaciona ao mote oferecido pelo título da reportagem, assinada por Fábio Grellet: "Um pedaço do Congo no Brasil". [8] O título é uma clara referência a Brás de Pina, bairro na zona norte da capital fluminense onde, naquele período, vivia quantia significativa dos 286 refugiados congoleses habitantes da cidade.

A reportagem começa fazendo menção a um culto evangélico acompanhado por "dezenas de africanos", [9] sendo celebrado em lingala numa igreja da favela Cinco Bocas, localizada no bairro. Laza Ndosi, pastor congolês que comandava a missa, explica que são dois os motivos para a existência da comunidade de nacionais do país da África Central naquela localidade: já que muitos ali fugiram sozinhos do Congo, nada melhor do que ficar próximo a conterrâneos; e, o principal, seria o custo — "na favela ninguém paga água nem eletricidade", [10] apesar do texto de Fábio Grellet inferir que tiroteios eram parte do cotidiano na comunidade. A primeira a ter sua trajetória narrada na reportagem é Eureka Bokufe. Com 22 anos na data da publicação, chegou ao Rio dois anos antes. Com vinda previamente marcada para o Brasil após ser campeã congolesa de judô e, como parte do prêmio, ser convidada a disputar o mundial de sua categoria na capital fluminense em setembro de 2007, resolveu não voltar mais para casa depois que sua cidade de origem e sua residência foram invadidas por guerrilheiros que a obrigaram a manter relações sexuais com seu próprio irmão. [11] Na data em que a vinda ao Brasil estava agendada, as ligações terrestres entre sua região e Kinshasa estavam bloqueadas, o que fez com que Eureka acabasse se atrasando e embarcasse sozinha, sem o resto da delegação congolesa. [12]

Ainda no avião, foi enganada por um "africano" que, defendendo ser o Rio de Janeiro uma cidade muito perigosa e violenta, ofereceu-se para cuidar de seu dinheiro e documentos, os quais furtou na chegada. No aeroporto, sem documentos e dinheiro em um país estranho, foi avisada por outros estrangeiros que em Brás de Pina havia muitos africanos e para lá resolveu ir. [13] Acabou dormindo por dias na escadaria de uma igreja, já que o abrigo da Cáritas na vizinhança era destinado apenas a imigrantes do sexo masculino. [14] Por fim, estabeleceu-se na casa de outra imigrante africana onde, em troca de teto e comida, trabalhava como babá. A judoca revela o ta-

[8] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[9] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[10] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[11] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[12] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[13] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

manho do choque cultural sofrido: proveniente de uma região em que as pessoas mal se beijam em público, ficou espantada com o quanto eram curtas as roupas de algumas cariocas. [15]

Na mesma página, em um texto muito mais breve, há a trajetória de Charly que, em 2009, tinha 28 anos. Por cuidar de feridos resultantes de um confronto entre o exército e guerrilheiros, foi encarcerado por quatro meses, período em que era espancado diariamente [9]. Fugiu para o Rio de Janeiro de avião. [16] Nas páginas seguintes estão as histórias de Prudence Libonza e Estevan (nome fictício). Prudence trabalhava na Presidência da República da RDC e, em 2007, iniciou um romance com um dos líderes da oposição, para quem passou a espionar. Descoberta, fugiu de barco para Angola, mas não se sentia segura devido a acordos de extradição. Com a ajuda de um amigo piloto que lhe forneceu documentos de outra pessoa, encaminhou-se ao Rio de Janeiro, onde uma angolana lhe contou sobre a comunidade em Brás de Pina. Morou por um tempo no bairro, mas, devido aos tiroteios, mudou-se para Duque de Caxias. Para sobreviver, fazia "bicos" na Central do Brasil — “tem muitos congoleses que trabalham como cabeleireiros” [17] — além de receber auxílio da ONU. Prudence destaca que “ninguém quer empregar alguém que tem um documento onde está escrito 'refugiada'”. [18]

Estevan, que em 2009 tinha 51 anos, era presidente de um sindicato de portuários no Congo. Para escapar da invasão de sua casa, fugiu pelo telhado e só ficou sabendo posteriormente que a esposa morreu durante o ocorrido, vitimada por um ataque cardíaco. Com a colaboração de amigos, embarcou escondido em um navio, sem saber o destino. Assim acabou chegando, em 2006, ao porto de Santos. Na rodoviária da cidade paulista, um pastor carioca comentou sobre a concentração de africanos em Brás de Pina, para onde se encaminhou. Somente em setembro de 2009, semana antes da reportagem ser publicada, havia conseguido seu primeiro emprego em solo brasileiro — uma jornada de 9 horas, das 2h às 11h, entregando legumes na capital fluminense. Estevan diz que: “Eu era chefe de família e sustentava mulher e filhos. Hoje me sinto uma criança. Dependo do dinheiro dos outros para comer e até para tomar ônibus, porque não tenho R$ 2,20. Mas, se estivesse no Congo, não estaria vivo”. [19]

---

[14] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[15] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[16] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[17] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[18] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[19] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

Em 14 de dezembro de 2009, o suplemento *Folhateen* dedicou suas páginas 8 e 9 à matéria "Começar de novo". [20] O texto trata da história de vários jovens refugiados que reconstruíam suas vidas em solo brasileiro. Um dos entrevistados foi Gabi, então com 19 anos, proveniente de Kinshasa. Citando a reportagem, "Segundo ela, sua vida mudou quando disse numa entrevista à TV local que um general da cidade sequestrava e estuprava grupos de adolescentes". [21] Pouco após a entrevista ser veiculada, ela foi presa e no cárcere foi sistematicamente estuprada. Tendo começado a apresentar um sangramento vaginal, despertou a piedade de um dos funcionários da cadeia que ajeitou para ela uma fuga: foi colocada escondida em um navio e acabou parando no Brasil. Foi recebida na Fundação Cáritas em setembro de 2008 e, na data da publicação, seu pedido de refúgio estava em tramitação. No Brasil, já tinha trabalhado como faxineira e em um salão, além de ter passado por uma cirurgia para retirada do órgão reprodutor, acometido por uma infecção grave. O último parágrafo da seção da reportagem voltada a sua história diz: "Apesar de tudo o que sofreu, ela só chora ao lembrar do pai. 'Não consegui mais localizá-lo para dar notícias. Talvez ele pense que estou morta'". [22]

As notícias acima, em sua totalidade, escolhem como enfoque os aspectos negativos da imigração e do Congo, retratando o congolês, no Brasil ou fora dele, como um povo sofredor e como vítima, nunca como agente de suas escolhas, de seu destino e detentor de uma história e cultura ricas. O jornal apaga a agência migrante e do povo congolês, como se eles não fossem capazes de gerir suas escolhas, como se não fossem agentes de seus próprios projetos migratórios.

Analisando a narrativa da Folha de São Paulo sobre a RDC e refugiados congoleses no Brasil (2005 a 2010)

A mídia ocidental é marcada pela presença generalizada de um discurso afro-pessimista. Para Mahieu e Joye (2018), os meios de comunicação do Ocidente homogeneizam a África como um lugar condenado e incapaz de governar a si próprio, através de reportagens com foco constante e monótono em temas como doença, dívida, morte e desastre. Desde o século XIX, a África tem sido avaliada pelas categorias de pensamento ocidentais dominantes, construindo uma visão pessimista do continente e dos africanos como "pessoas passivas" e "sem esperança", no aguardo

[20] ARAÚJO, Tarso. Começar de novo. Folha de São Paulo, 14 dez. 2009. Folhateen, p. 8-9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[21] ARAÚJO, Tarso. Começar de novo. Folha de São Paulo, 14 dez. 2009. Folhateen, p. 8-9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[22] ARAÚJO, Tarso. Começar de novo. Folha de São Paulo, 14 dez. 2009. Folhateen, p. 8-9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

de "nós", a sociedade ocidental "civilizada", para trazer a modernidade através da intervenção em nome do "progresso" (MAHIEU; JOYE, 2018). O discurso do desenvolvimento é articulado através das narrativas de progresso na cobertura midiática ocidental, o que implica uma naturalização da ideia de que o continente africano se desenvolve de forma semelhante à das sociedades "civilizadas" ocidentais (MAHIEU; JOYE, 2018). Nesta dinâmica, o sistema neoliberal é visto como a norma (MAHIEU; JOYE, 2018).

A dominação neocolonial ocidental sobre a África se reflete nessas representações, reforçando a visão de uma hierarquia sociopolítica binária que colocaria em oposição o Ocidente e o resto do mundo (MAHIEU; JOYE, 2018). No contexto do afro-pessimismo que domina as representações do continente africano no Ocidente, a RDC é erroneamente descrita como o centro mundial do abuso sexual e uma terra dominada pela pobreza extrema; é corriqueira, também, a marginalização da mineração artesanal, simbolizada por fotografias de adultos e crianças congolesas arriscando as suas vidas na extração de matérias-primas para novas tecnologias (CEUPPENS, 2022). *Congoism* é um termo cunhado por Johnny Van Hove para denominar justamente essa imagem uniforme criada por estadunidenses e europeus no século XIX, e que vem circulando desde então: a do Congo como o total oposto da "civilização" ocidental — um país de radical e descontextualizada alteridade, fora de sincronia com o resto do mundo e a personificação do "outro" (CEUPPENS, 2022).

O *Congoism* nasce a partir das diferentes formas de convivência de distintos cidadãos do Ocidente com o que hoje corresponde à República Democrática do Congo — de escravagistas nas Américas até Roger Casement, passando por escandinavos que tiveram papel importante no sistema de exploração de Leopoldo II (CEUPPENS, 2022). [23] Apesar de homogeneamente representar o país como um polo de alteridade, o conceito reproduz narrativas contraditórias dentro desse espectro: escravizados congoleses eram descritos por estadunidenses ora como fracos e dóceis, ora como rebeldes; "O Coração das Trevas", romance do autor polaco-britânico Joseph Conrad, retrata os congoleses como meras vítimas da bestial violência cometida por europeus no

[23] Entre 1885 e 1905, a atual RDC foi uma colônia pessoal do rei Leopoldo II, da Bélgica, e se chamou Estado Livre do Congo. No Estado Livre do Congo, foi escolhido como modelo operacional o sistema de cultivo forçado, similar ao aplicado nas Índias Orientais pelos holandeses durante a segunda metade do século XIX — o livro "Java, or How to Manage a Colony" (1861), de J.W.B. Money, foi a inspiração (BREMAN, 2024). Não foi estabelecido qualquer limite de idade para a utilização de trabalho forçado, o que significou que crianças foram incluídas no processo (BREMAN, 2024). O extrativismo da borracha e do marfim, que se transformaram nas principais atividades econômicas dentro do Congo, levaram a um genocídio da população congolesa. Como reação, um movimento internacional foi criado, apelando para que o rei belga fosse destituído de seus domínios coloniais: Edmund Dene Morel, britânico que iniciou uma campanha de protestos que deu visibilidade à questão, principalmente nos países de língua inglesa (VANTHEMSCHE, 2006). Morel fundou a Congo Reform Association (CRA) (NZONGOLA-NTALAJA, 2004). A filial estadunidense da organização foi encabeçada pelo líder afro-americano Booker T. Washington e pelo escritor Mark Twain, o que jogou pressão sobre o governo americano para apoiar a luta contra o

Estado Livre do Congo, ao mesmo tempo que como seres bestiais (CEUPPENS, 2022). Atualmente, o homem congolês é descrito como um perpetrador indelével de abusos sexuais, enquanto eles mesmos são vítimas de uma exploração econômica voraz que consome os recursos de sua nação e os lança em uma situação de extrema vulnerabilidade social.

A narrativa da *Folha de S.Paulo* sobre o Congo-Kinshasa se enquadra no que se chama afro-pessimismo. Dentro dessa perspectiva, é possível identificar aspectos do *Congoism* explicado por Bambi Ceuppens (2022). A RDC é qualificada basicamente com expressões e adjetivos que a retratam como um lugar ruim, onde a vida é insustentável: frases como "palco de violentos massacres" e "O Congo é um inferno" são utilizadas para se referir ao país da África Central. A retórica da FSP segue a tendência de colocar o Congo no extremo da alteridade, destacando-o como o oposto da civilização ocidental. Dentro da notícia "Um pedaço do Congo no Brasil", há uma subseção intitulada "Não há uma região segura no Congo", assinada por Fábio Zanini; em seu último parágrafo, está presente o seguinte trecho: "Mesmo em períodos como o atual, de 'paz', o Congo é um inferno de ataques, desgoverno e pobreza. Em comparação, cruzar o oceano para cair numa favela pode ser tentador".

Para Zanini, mesmo as enormes dificuldades enfrentadas por esses refugiados em seus cotidianos no Brasil — Eureka Bokufe, por exemplo, trocava trabalho por moradia —, bem como a violência existente nas próprias favelas — a reportagem mostra que tiroteios eram parte do cotidiano na comunidade Cinco Bocas —, valiam a pena, pois isso seria melhor que o Congo-Kinshasa, uma terra desprovida de qualquer qualidade e onde a vida, mesmo em tempos de paz, é impraticável. Sobre este último ponto, o argumento de que viver na violência de uma favela brasileira seria melhor que viver em meio à violência existente no Congo, é válido observar a problematização feita por Mertens (2019) que, mesmo se referindo especificamente à prática de abusos sexuais, soa pertinente aqui: a violência existente na RDC é enquadrada como diferente da violência que é vivida no Ocidente ou como inerente à cultura congolesa, fruto de uma "selvageria negra".

As práticas discursivas internacionais que estabelecem a gravidade e a intensidade da violência sexual cometidas durante as guerras do Congo consistem em referências gráficas e explícitas particulares ao estupro, enfatizando a sua natureza bestial e bárbara, fazendo uso de enquadramentos que evocam o vocabulário colonial (MERTENS, 2019). A comunidade internacional parece estar fixada na violência sexual, mas ao mesmo tempo não está disposta a compreendê-la a fundo, entendendo as diferentes razões e formas pelas quais ela acontece na RDC (MERTENS,

regime de Leopoldo II (NZONGOLA-NTALAJA, 2004). Roger Casement, cônsul britânico, foi então enviado ao Congo e elaborou um relatório denunciando a situação de extrema violência (KOUTSOUKOS, 2020).

2019). As imagens estereotipadas, racializadas e sexualizadas da África ressoam na cobertura internacional, porque se baseiam num imaginário colonial, num conjunto de representações ocidentais que emergiram do período colonial e que constroem a África como o "outro" (MERTENS, 2019).

Charlotte Mertens (2019), em pesquisa de arquivo sobre a violência sexual no Estado Livre do Congo e no Congo Belga, encontrou narrativas de civilização e barbárie como marcadores do poder imperial, que produziam "divisões coloniais da humanidade". Essas narrativas eram sexualizadas e racializadas, servindo para intervir e regular os domínios mais íntimos tanto dos colonizadores como dos colonizados. A pesquisadora, observando a atual representação da violência sexual no Congo-Kinshasa pela mídia internacional, afirma que os mecanismos discursivos coloniais de sexualização e racialização continuam a recorrer a um imaginário colonial que se baseia na diferença e que reitera as hierarquias que produziram divisões binárias: civilizado versus incivilizado, liberdade sexual versus atraso sexual (MERTENS, 2019).

O trabalho de um imaginário colonial é visível nas representações contemporâneas da violência sexual no Congo. Elas tendem a concentrar-se em uma forma particular de violência baseada no gênero, nomeadamente a brutal violência sexual militarizada em conflitos, que torna os perpetradores negros do sexo masculino como bestiais e "desumanos", enquanto as mulheres congolesas são retratadas como vítimas da "selvageria negra" (MERTENS, 2019). A representação dos estupros cometidos na RDC enfatiza a desumanidade dos "perpetradores" e, através da articulação desta desumanidade, a violência é enquadrada como diferente da violência que é vivida no Ocidente ou como inerente à cultura congolesa (MERTENS, 2019). As experiências das vítimas tornam-se inteligíveis apenas através do enquadramento do "corpo violado": a mulher congolesa é vista, de forma geral, unicamente como uma vítima de abuso sexual, e isso rebaixa imensamente seu status e valor social (MERTENS, 2019).

No início dos anos 2000, ativistas congolesas de primeira geração vivendo na Bélgica se dedicaram a gerar sensibilização sobre a "guerra dentro da guerra" — a violência sexual contra mulheres no leste do Congo-Kinshasa (GARBIN; GODIN, 2013). Inicialmente, este trabalho foi feito em redes de imigrantes, associações de estudantes e grupos de apoio. Em um segundo momento, congolesas imigrantes estabeleceram suas próprias associações, como o Coletivo de Mulheres Congolesas para a Paz e Justiça e o Fórum Inter-Regional de Mulheres Congolesas para o Desenvolvimento (FIREFEC) (GARBIN; GODIN, 2013). Uma das motivações por detrás da criação, em 2008, do FIREFEC em Bruxelas foi contrapor o que era percebido como pontos de vista estereotipados, defendidos por algumas ONGs e pelos principais meios de comunicação, sobre

a questão da violência sexual na RDC, que posicionavam as mulheres congolesas como "vítimas passivas" (GARBIN; GODIN, 2013).

> "Eles estupram mulheres congolesas [no leste da RDC] para intimidá-las, porque elas resistem à presença dos rebeldes, não porque sejam impotentes. As mulheres não são vítimas passivas. Opomo-nos a esta imagem. As mulheres africanas são muito poderosas, ao contrário do que a mídia está dizendo" (GARBIN; GODIN, 2013, p.122). [24]

É possível perceber a presença das descrições contemporâneas dos perpetradores congoleses de violência sexual como selvagens e desumanos, e da violência como "selvageria indescritível", que têm como plano de fundo o discurso contemporâneo sobre os conflitos africanos em geral e na República Democrática do Congo em particular, nas entrevistas da FSP. Das cinco histórias de vida de imigrantes congoleses contadas nas duas reportagens presentes no jornal sobre imigração da RDC para o Brasil durante o período estudado, duas delas têm como centro mulheres congolesas que sofreram abuso sexual. No caso de Bokufe, parece ser um enfoque da "selvageria indescritível" e da falta de humanidade dos perpetradores congoleses de violência sexual a informação trazida na reportagem de que a judoca foi obrigada, por guerrilheiros, a manter relações sexuais com seu irmão. [25]

Na história de Gabi, é destacado que ela foi presa e no cárcere foi sistematicamente estuprada, tendo escapado apenas porque, após apresentar um sangramento vaginal, despertou a piedade de um dos funcionários da cadeia. Além disso, é preciso refletir sobre o que a mesma autora defende: diversos estudos, bem como relatórios sobre direitos humanos e notícias de comunicação social, baseiam-se em testemunhos de sobreviventes, colocando assim um fardo cada vez mais pesado sobre as vítimas de violação, que são repetidamente chamadas a contar as suas histórias de violência (MERTENS, 2019). A bestialização dos congoleses também é perceptível na história de Charly: a FSP diz que ele, por cuidar de feridos resultantes de um confronto entre o exército e guerrilheiros, foi encarcerado por quatro meses, período em que diariamente era espancado [26] — a violência no Congo seria tão aterradora e generalizada que nem mesmo um enfermeiro na função de salvar vidas era poupado.

[24] Tradução do autor. Versão original: ""They rape Congolese women [in the East of the DRC] to intimidate them, because they resist the presence of the rebels, not because they are powerless. Women are not passive victims. We oppose this image. African women are very powerful, contrary to what the media are saying" (GARBIN; GODIN, 2013, p.122)

[25] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

[26] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

A maioria dos congoleses que chegam ao Brasil nascem e/ou vivem na capital, Kinshasa (FIGUEIRA; MASENGU, 2020). Isso porque pessoas de outras regiões da RDC geralmente não têm condições financeiras para embarcar para países distantes (FIGUEIRA; MASENGU, 2020). Estes, quando migram, o fazem internamente ou para os países vizinhos, pois fora da capital a situação econômica é muito pior que em Kinshasa, que, apesar de ser um grande núcleo urbano, apresenta altas taxas de desemprego (FIGUEIRA; MASENGU, 2020). Soma-se a isso os fatos de Kinshasa ter o maior aeroporto internacional congolês e, no interior, boa parte das pessoas trabalharem no cultivo, seja na agricultura de subsistência ou como empregado em fazendas, ganhando muito pouco ou até mesmo em troca de alimentos (FIGUEIRA; MASENGU, 2020). Mesmo tendo sido publicado mais de dez anos após "Um pedaço do Congo no Brasil", [27] que é de 2009, o perfil dos imigrantes congoleses no Rio de Janeiro feito por Ricardo Rezende Figueira e Sarah Masengu (2020) ainda corresponde ao dos entrevistados por Fábio Grellet.

São pessoas que pertenciam a camadas privilegiadas da sociedade congolesa, que, separadamente ou simultaneamente, tiveram acesso a estudo, posições políticas de destaque e capital social que os permitiram chegar até o Brasil. Essa viagem, pelos custos financeiros envolvidos, não é acessível a todo congolês que busca refúgio fora do país: Eureka Bokufe era campeã congolesa de judô; Prudence Libonza trabalhava na presidência da república da RDC; Estevan era presidente de um sindicato de portuários no Congo. [28] Esse perfil é diferente do estereótipo do africano vitimizado e pouco cosmopolita. Além disso, muitos dos relatos presentes na Folha são de pessoas nascidas e/ou que vivam em Kinshasa, ou que tiveram como ponto de partida para o Brasil a capital congolesa, mais uma tendência destacada por Figueira e Masengu (2020). Em entrevistas a Maria Regina Petrus Tannuri (2010, p. 205), refugiados congoleses no Rio de Janeiro apresentaram como principal motivo para a escolha do Brasil as crescentes barreiras de imigração para a Europa: "e a maior facilidade de se conseguir comprar uma passagem aérea para o Brasil (em Angola, de Luanda para o Rio de Janeiro; ou mesmo em Kinshasa, em voos que passam pela África do Sul e fazem a rota Johannesburgo / São Paulo)".

Katrien Pype (2021), discutindo sobre o cenário de criatividade digital entre *Kinois*, gentílico dos habitantes de Kinshasa, aborda como a precariedade, seja ela econômica, social ou até mesmo relacional, acaba por levar congoleses e outras sociedades africanas a desenvolverem soluções e estratégias para seguirem suas vidas. Um jovem de Lubumbashi, por exemplo, sonhava em entrar no empreendedorismo digital através do desenvolvimento de um aplicativo que permi-

[27] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.
[28] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

tiria pagar despesas médicas de terceiros à distância. Sua ideia havia partido de um problema generalizado enfrentado pelos congoleses vivendo na diáspora: parentes que, devido às dificuldades econômicas na RDC, inventavam gastos com médicos e remédios para que eles pudessem pedir dinheiro a familiares no exterior. Encontrar soluções próprias para seus problemas, em um cenário de precariedade econômica e social, se tornou parte do cotidiano do congolês, virando a chamada cultura do *débrouillardise*. Em seu texto, Katrien Pype (2021) retrata o caso de uma conhecida que, mesmo empregada no poder público de Kinshasa e recebendo salário, nunca apareceu no trabalho.

A cultura do *débrouillardise* leva, entre outras, a duas consequências: a uma desconfiança generalizada dentro da sociedade congolesa, cristalizada na expressão em lingala "toyebi motema na bato te" ("você não consegue saber o que há no coração do outro") (PYPE, 2021, p. 331); e ao imaginário masculino do espaço urbano como um lugar de "caça", onde oportunidades e dinheiro fazem parte de um "jogo urbano" (PYPE, 2021). A autora chama atenção para a analogia feita: a caça é uma forma de extração; por isso, neste imaginário masculino, o "jogo urbano" envolveria atrair, enganar e, eventualmente, consumir a presa para atingir a glória social (PYPE, 2021). Da mesma forma que Maringira e Vuninga (2022) identificaram a presença da cultura do *débrouillardise* no contexto diaspórico da África do Sul. Lá, independentemente do nível de instrução formal, imigrantes congoleses vivendo na Cidade do Cabo desempenham as mais diferentes funções nos mais variados lugares (são seguranças em shoppings, casas noturnas, complexos residenciais, fazendas, canteiros de obras; guardadores de automóveis em estacionamentos de shoppings e ruas comerciais movimentadas; e garçons em restaurantes, dentre outros exemplos), sendo possível perceber a presença dessa mentalidade entre nacionais do Congo-Kinshasa no Rio de Janeiro.

A reportagem de Fábio Grellet [29] retrata a metrópole brasileira como um espaço urbano no qual imigrantes congoleses e africanos, de forma geral, enfrentam precariedades. A cultura do *débrouillardise* se faz presente nesse contexto diaspórico, em que cada um, sem fazer julgamentos de cunho ético ou legal, desenvolve estratégias para superar as vulnerabilidades: morar na favela, local onde se tem acesso a água e luz sem precisar pagar, desempenhar a função de babá em troca de um lugar para ficar ou furtar dinheiro e documentos de outros imigrantes. Dentro dessa mentalidade, é possível enxergar algumas soluções de empreendedorismo e inserção na economia informal que acabam sendo replicadas em locais geográficos distintos. Apesar da violência estrutural e da xenofobia, congoleses e outros imigrantes de África criam meios de subsis-

[29] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

tência na África do Sul (OWEN, 2015). Godfrey Maringira e Rosette Sifa Vuninga (2022, p. 152) falam do caso de barbeiros e cabeleireiros provenientes da RDC na Cidade do Cabo:

> "Os salões de cabeleireiro congoleses têm a reputação de serem os melhores em todos os estilos de cabelo africanos, desde bradding com fibras sintéticas até os tipos de penteados naturais. Os participantes também acrescentaram que os cabeleireiros congoleses são preferidos a outros nacionais e até mesmo aos sul-africanos porque os seus penteados duram mais. Isso é semelhante ao que ocorre nas barbearias, onde o corte de cabelo congolês é o preferido pelos sul-africanos locais [...]"[30]

Da mesma forma que cabeleireiros e barbeiros congoleses fazem sucesso na Cidade do Cabo, Prudence Libonza contou em seu depoimento à *Folha de S.Paulo* que, para sobreviver, muitos dos congoleses vivendo na capital fluminense trabalhavam como cabeleireiros. [31] Olhando para um enclave neoliberal em meio à floresta congolesa (uma concessão de exploração de madeira pertencente a uma empresa europeia), Thomas Hendriks (2017) discute como é feita uma associação do Congo como o Éden. Em um ambiente onde pastores e pregadores são vozes com autoridade moral particular, eles espalham a ideia de que o país seria um paraíso onde recursos naturais abundam e com potencial para ser muito próspero, mas que não atinge tal condição pois, atualmente, estaria sob o reinado de Satanás e sendo pilhado por estrangeiros — estranhos "brancos" apoderam-se do que por direito pertence aos congoleses (negros).

Alinhado a isso, David Garbin e Marie Godin (2013) argumentam como, para muitos dos líderes religiosos e das igrejas neopentecostais presentes no Congo democrático e nas comunidades imigrantes congolesas mundo afora, mudar o panorama político, econômico e social na RDC seria também uma questão religiosa que passa por travar uma guerra espiritual — esta é justamente a origem dos "*pasteurs combattants*". Eles são pastores que, às vezes usando trajes militares, dizem empregar "armas divinas" (orações, visões proféticas e maldições bíblicas) como parte de uma guerra espiritual diaspórica para salvar a pátria-mãe (GARBIN; GODIN, 2013). Não à toa, a reportagem "Um pedaço do Congo no Brasil" [32] começa fazendo menção a um culto evangélico celebrado em lingala por um pastor congolês em uma igreja da favela Cinco Bocas. No contexto de precariedades que envolve a história recente do Congo democrático e a diáspora de

[30] Tradução do autor. Versão original: ""Congolese hair salons are well-reputed in being the best in all African hair styles ranging from bradding with synthetic fibres to all kind of natural hair styling. Participants also added that Congolese hairdressers are preferred over other nationals and even South Africans because their hairstyles last longer. This is similar to barbershops in which Congolese haircut is the preferred one by the local South Africans [...]" (MARINGIRA; VUNINGA, 2022, p. 152).

[31] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

[32] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

seus nacionais, pastores viraram celebridades (GARBIN; GODIN, 2013) e vozes com autoridade moral: o cristianismo neopentecostal tornou-se fonte de "solução" e "salvação" para precariedades — as pessoas rezam por dias melhores, pois uma vida melhor é prometida para quem se converte e aceita o Deus cristão (vida melhor pode significar mais dinheiro, sucesso), rezam contra a feitiçaria, que impede o sucesso, e também usam o espaço religioso para aproximação social e criação de laços que podem aumentar o capital social (PYPE, 2021).

Considerações finais

A narrativa da *Folha de S.Paulo* sobre o Congo-Kinshasa se enquadra no que se chama afro-pessimismo. Dentro dessa perspectiva, é possível identificar aspectos do *Congoism*, explicado por Bambi Ceuppens (2022), em suas matérias. A RDC é qualificada basicamente com expressões e adjetivos que a retratam como um lugar ruim, onde a vida é insustentável. Frases como "palco de violentos massacres" e "O Congo é um inferno" são utilizadas para se referir ao país da África Central. A retórica da FSP segue a tendência de colocar o Congo no extremo da alteridade, destacando-o como o oposto da civilização ocidental. É possível, também, perceber a presença das descrições contemporâneas dos perpetradores congoleses de violência sexual como selvagens e desumanos, e da violência como "selvageria indescritível", que têm como plano de fundo o discurso contemporâneo sobre os conflitos africanos em geral e na República Democrática do Congo em particular, nas entrevistas da FSP.

Das cinco histórias de vida de imigrantes congoleses contadas nas duas reportagens presentes no jornal sobre imigração da RDC para o Brasil durante o período estudado, duas delas têm como centro mulheres congolesas que sofreram abuso sexual. Ou seja, a *Folha de S.Paulo* contribui para a estigmatização de uma imagem essencializada da África e dos africanos, no caso, congoleses. Eles seriam, portanto, e segundo essa representação do jornal, atrasados e destituídos de agência, isto é, menos humanos.

Sobre os imigrantes congoleses vivendo no Brasil, a reportagem de Fábio Grellet [33] retrata o Rio de Janeiro como um espaço urbano no qual imigrantes congoleses e africanos, de forma geral, enfrentam precariedades. A cultura do *débrouillardise* se faz presente nesse contexto diaspórico representado pela notícia, em que cada um desenvolve estratégias para superar as vulnerabilidades. Dentro dessa mentalidade, foi possível enxergar algumas soluções de empreendedorismo e inserção na economia informal replicadas em locais geográficos distintos — Brasil e

[33] GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. Folha de São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

África do Sul. Ainda, as matérias jornalísticas da *Folha* tornam possível sugerir que, em comparação com o artigo de Ricardo Rezende Figueira e Sarah Masengu (2020), os fluxos migratórios congoleses para o Brasil seguiam, mais de uma década depois, as mesmas tendências sociais e demográficas.

Retomando a reflexão de Marina de Mello e Souza (2012) trazida na introdução, o que se desvela é um cenário preocupante. Mello e Souza via correlações entre a representação da mídia sobre o continente africano e a recepção e expansão do ensino de história da África e de cultura afro-brasileira. O impacto dessa representação tão negativa e calcada em velhos estigmas coloniais sobre a República Democrática do Congo deve ter sido relevante para a qualidade do que é reproduzido em sala de aula ou para a visão da importância do assunto por parte dos alunos. O foco da mídia hegemônica na violência sexual, que desumaniza os homens congoleses e retira a agência das mulheres congolesas, também deve ter influenciado de forma derradeira no tratamento dado pela sociedade brasileira a esse grupo de imigrantes justamente no momento em que os fluxos imigratórios entre RDC e Brasil se intensificavam. Entre 2010 e 2014, o número de refugiados congoleses reconhecidos pelo Brasil sofreu uma variação positiva de 70%, chegando ao número total de 799 congoleses vivendo formalmente como refugiados no país (SANTOS, 2018).

Indo além, é preciso refletir sobre o quanto este enquadramento narrativo da FSP, um jornal identificado como tendo uma linha editorial conservadora, teve relação com um olhar crítico ao governo que comandava o país à época (de centro-esquerda, e que possuía como uma de suas orientações prioritárias na diplomacia o desenvolvimento das relações Sul-Sul, em especial com o continente africano). Em 2002, Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente. Na estratégia de seu governo de tornar o Brasil um ator internacional mais ativo, a África assumiu uma posição de destaque (SEIBERT; VISENTINI, 2019). De fato, foi justamente durante os dois mandatos de Lula (2002–2010) que as relações Brasil-África atingiram historicamente seu auge (SEIBERT; VISENTINI, 2019). Isto, de certa forma, se refletiu nas tendências migratórias entre o país e o continente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Tarso. Começar de novo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 dez. 2009. Folhateen, p. 8-9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

BREMAN, Jan. **Colonialism, capitalism and racism: a postcolonial chronicle of Dutch and Belgian practice**. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2024.

CEUPPENS, Bambi. 'Without art Congo is just a mine': art as the restoration of shattered bodies. In: FRAITURE, Pierre-Philippe (ed.). **Unfinished Histories: Empire and Postcolonial Resonance in Central Africa and Belgium**. Leuven: Leuven University Press, 2022.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: **sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende; MASENGU, Sarah Mbuyamba. A inserção de imigrantes congoleses nas relações de trabalho no Rio de Janeiro. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, vol. 9, n. 1, p. 521–542, 2020.

GARBIN, David; GODIN, Marie. 'Saving the Congo': transnational social fields and politics of home in the Congolese diaspora. **African and Black Diaspora: An International Journal**, vol. 6, n. 2, p. 113-130, 2013.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: **introdução ao estudo da filosofia: a filosofia de Benedetto Croce**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 ago. 2009. Cotidiano, p. C8-C9. Disponível em: https://www.google.com/search?q=acervo.folha.com.br. Acesso em: 18 mar. 2023.

HENDRIKS, Thomas. A darker shade of white: Expat self-making in a Congolese rainforest enclave. **Africa: The Journal of the International African Institute**, vol. 87, n. 04, p. 683-700, 2017.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Zoológicos humanos: gente em exibição na era do imperialismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

MACHADO, Nealla; COÊLHO, Tamires. Maternidades Negras na Cobertura Jornalística Digital e Possibilidades de Fuga das Imagens de Controle. **Fronteiras: Estudos Midiáticos**. vol. 24, n. 01, p. 52-66, 2022.

MAHIEU, Elke; JOYE, Stijn. Beyond Afro-pessimism and -optimism? A critical discourse analysis of the representation of Africa by alternative news media. **African Journalism Studies**, vol. 39, n. 03, p. 24–42, 2018.

MARINGIRA, Godfrey; VUNINGA, Rosette Sifa. Beyond xenophobia: migrants-locals in socio-economic spaces in Cape Town, South Africa. In: ISIKE, Christopher; ISIKE, Efe Mary (eds.). **Conflict and concord: the ambivalence of African migrant/host relations in South Africa**. Singapura: Springer Nature, 2022.

MERTENS, Charlotte. Undoing research on sexual violence in Eastern Democratic Republic of Congo. **ACME: An International Journal for Critical Geographies**, vol. 18, n. 03, p. 662-687, 2019.

MUNANGA, Kabengele. A República Democrática do Congo - RDC. In: FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO (org.). **Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – II CNPEPI: (2: Rio de Janeiro: 2007): o Brasil no mundo que vem aí**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

NZONGOLA - NTALAJA, Georges. **From Zaire to the Democratic Republic of the Congo**. 2004. Current African Issues no. 28. Disponível em: < https://www.files.ethz.ch/isn/96246/28_From-Zaire-to-the-DRC.pdf >. Acesso em: 19 set. 2024.

OLIVEIRA, Fabiana Luci de. Judiciário e Política no Brasil Contemporâneo: Um Retrato do Supremo Tribunal Federal a partir da Cobertura do Jornal Folha de S. Paulo. **Dados**, Rio de Janeiro, vol. 60, n. 4, p. 937-975, 2017.

OWEN, Joy. **Congolese social networks: living on the margins in Muizenberg**. Cape Town. Lanham: Lexington Books, 2015.

PYPE, Katrien. Digital creativity and urban entrapment in Kinshasa. Experiments in solving precarity. **City & Society**, vol. 33, n. 02, p. 324–345, 2021.

SANTOS, Camila Abreu dos. **Uma história de refúgio: narrativas de três irmãs negras do Congo no Distrito Federal.** Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de Brasília - UnB, 2018.

SANTOS, Cynthia; COSTA, Alessandra. Empresas e ditadura civil-militar brasileira: os editoriais do jornal *Folha de São Paulo* em uma perspectiva histórica. **Cadernos EBAPE.BR**, vol. 20, n. 5, p. 688–707, 2022.

SEIBERT, Gerhard; VISENTINI, Paulo Fagundes (eds.). **Brazil-Africa Relations: Historical Dimensions and Contemporary Engagements from the 1960s to the Present**. Rochester: Boydell & Brewer, 2019.

SOUZA, Marina de Mello e. Algumas impressões e sugestões sobre o ensino de história da África. **Revista História Hoje**, vol. 01, n. 01, p. 17-28, 2012.

TANNURI, Maria Regina Petrus. **Refugiados congoleses no Rio de Janeiro e dinâmicas de "integração local"**: **das ações institucionais e políticas públicas aos recursos relacionais das redes sociais**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

VANTHEMSCHE, Guy. The Historiography of Belgian Colonialism in the Congo. In: LEVAI, Csaba (ed.). **Europe and the World in European Historiography**. Pisa: Edizioni Plus - Pisa University Press, 2006.

Recebido em: 23/07/2025
Aprovado em: 18/11/2025